



O espaço do palácio e as agruras do poder em Luciano de Samósata: uma análise de *A travessia para o Hades ou o Tirano*.

Ana Paula de Almeida Ramos de oliveira^{1*}(IC), Edson Arantes Junior² (PQ)

paulacuarick@hotmail.com¹

1 Bolsista UEG modalidade PIBIC/CNPq, graduanda no curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual de Goiás Campus de Uruaçu.

2 Orientador, Doutor em História. Professor dos cursos de História, atual diretor da Universidade Estadual de Goiás, Campus Uruaçu.

Resumo: Neste estudo analisamos o diálogo *A travessia para o Hades ou tirano*, de Luciano de Samósata. O enredo elucida o significado e as características de um tirano que usa o poder em benefício próprio. Também envolve as agruras dos espaços sociais e das representações políticas. A intenção de nosso estudo é compreender a produção literária Luciânica, dando ênfase sobre a estrutura política estabelecida na ordem social do Império Romano. Nosso objetivo, é enfatizar o espaço do palácio e as agruras do poder em Luciano de Samósata. Neste sentido, indagaremos sobre o espaço e os sentidos que Luciano dá aos mesmos, em sua relação com Império Romano, uma vez que a instituição da tirania já não existe.

Palavras-chaves: Luciano de Samósata. Agruras sociais. Império.

Introdução

Nesta pesquisa, o objetivo é analisar as representações da imagem do palácio do tirano no diálogo satírico Luciânico *A travessia para o Hades ou tirano*. A isto, compreender os sentidos que Luciano dá em relação as políticas coordenadas pelo Império Romano.

Consequentemente, a intenção é de relacionar as retóricas de Luciano de Samósata a elementos históricos, políticos e culturais que interagem com debate discursivo e crítico que Luciano apresenta em sua obra.

Material e Métodos



O nosso trabalho *O espaço do palácio e as agruras do poder em Luciano de Samósata: uma análise de A travessia para o Hades ou Tirano*, parte do projeto *Poder, literatura e memória: a representação da tirania em Luciano de Samósata*. O projeto visa a interpretação no diálogo satírico Luciânico.

O método de pesquisa busca entender as características históricas e estilísticas do texto *A travessia para o Hades ou tirano*. Observando então, os sentidos de relação com Império Romano, e assim, aproximando do mecanismo de resistência simbólico do mundo Grego para o Romano.

Foram utilizados para construção do artigo textos que remetem a biografia de Luciano de Samósata, textos literários e artigos que discutem a história, greco-romana, antiga Grécia, retóricas do período da temática.

Resultados e Discussão

Luciano de Samósata, nasceu entre os anos 115-120 (d.c) em Samósata antiga capital de Camogema em um reinado helenizado na Síria. Foi educado de acordo com a Paideia grega, onde veio assumir a identidade grega, e isto, lhe proporcionou interagir com a diversidade vivenciada em seu cotidiano através dimensão cultural (greco-romana) em que era rodeado. Sabe-se muito pouco sobre a vida de Luciano, mais ou pouco que se sabe informa que Luciano obteve diversas funções no longo da vida como um cargo em Alexandria na administração da província imperial do Egito, foi orador, advogado, sofista, escritor e neste se tornou conhecido pelos seus cômicos escritos de diálogos satíricos. Seus textos trazem risos através das críticas envolvidas nos enredos. Maria de Fatima Silva, enfatiza em seu texto *Vamos Rir com Luciano*, a harmonia que Luciano encontrou para provocar risos.

Às tonalidades inspiradas na comédia grega juntam-se outras de proveniência diversa, que em Luciano encontram uma harmonia estranhamente original: o diálogo filosófico de tipo platônico, a diatribe cínica, ou a sátira de Menipo de Gádara². Do conjunto resulta o efeito paradoxal de uma literatura sério-cômica, que esboça a realidade contemporânea espalhada numa moldura livresca e convencional. Em paralelo dele avultam objectivos pedagógicos, mas antes de mais artísticos, satisfazendo em Luciano um suave prazer da criação. (SILVA. 2006. p. 222)

REALIZAÇÃO



Em todo o percurso como escritor produziu mais de oitenta obras em grego ático, onde todas obtêm diálogos e discursões sobre a vida política e os costumes de ordem social de seu período (séc.II d.c).

As ilustrações que são atribuídas em suas obras trazem em meio sua realidade cotidiana, mais em uma menção desfigurada, pois, suas críticas a cultura da elite imperial greco-romana são dinamizadas através de enredos que movimentam a retórica, a história e memória da cultura grega. Podemos, afirma que em seus diálogos, Luciano nunca afronta diretamente um indivíduo específico, mais utiliza em seus textos críticas para denunciar as arbitrariedades do governo Romano. Dentro disto, colocamos também seus questionamentos sobre as crenças e as atividades filosóficas presentes em sua época. No texto *Luciano de Samósata e a filosofia em busca da sombra do Burro*, a autora Dulcileide V. do Nascimento Braga elucida bem está característica textual de Luciano.

[...]Luciano busca, apoiado no modelo retórico platônico, não satirizar, simplesmente, mas criticar os objetivos das correntes filosóficas — principalmente a filosofia estoica que pretende ser o único caminho para a virtude e a felicidade — presentes na sua época, bem como o modo de convencimento utilizado para “arrebanhar” adeptos. O estilo de Luciano caracterizado comumente pela utilização da paródica, neste texto, evidencia a apropriação de exemplos textuais dos principais autores das diferentes áreas de saber das épocas anteriores à sua produção para corroborar suas ideias e obter o convencimento. (BRAGA. 2015. p. 01)

Então, podemos observar que o tratado de suas argumentações, rebusca fundamentações da dramaturgia filosófica sofista que se baseavam apenas na visão das atividades humanas e na prosperidade social. Designando então, assuntos de sabedoria humanas filosóficas para um pensar crítico baseados nas hipóteses da prática, da virtude por meio de retóricas, independente da refutação filosófica. No texto *Luciano de Samósata e o Império Romano: dilemas de um escritor na segunda sofista*, Edson Arantes Junior especifica que:

Luciano deve ser pensado em meio a presença dos sofistas helenófilos no Império Romano. Logo acreditamos que esse debate deve ser complementado por uma indagação sobre a Segunda Sofística. Trata-se de

um fenômeno de releitura da retórica antiga, elaborada por sofistas helenófilos. (ARANTES JUNIOR. 2011. p.5)

E nisto, podemos observar que Luciano incorpora em suas retóricas e memórias perspectivas que relacione elementos sociais, filosóficos, e político em um pensar estratégico que expresse distintos aspectos estilísticos da filosofia grega, para homogeneizar a cultura do Império Romano.

A obra Luciana *A travessia para o Hades ou tirano*, traz indagações vinculada aos maus governantes, remetendo uma simbólica resistência ao mundo greco-romano, que agiam com arbitrariedade com sociedade. Mais ainda, o caráter espetacular de muitas cenas inclui-se no rol dos recursos utilizados para realizar-se a função de denúncia (BRANDÃO.2001.p.207). Em prol a isto, Luciano apresenta claras críticas em seu diálogo. Assim, o diálogo *A travessia para o Hades ou tirano*, apresenta várias características de poder do mundo grego, e neste, fica claro a evidência das agruras do poder tirânico exercida no espaço do palácio contra a sociedade. Para isso, analisamos as narrativas do diálogo que evidência as referências retóricas utilizadas para as críticas Luciana.

O diálogo *A travessia para o Hades¹ ou tirano*, faz uma representação dos julgamentos dos mortos. Seu enredo envolve diversos aspectos da ordem social e política da antiga Grécia. Seus personagens são míticos como Radamanto², Cloto³, Caronte⁴, Hermes⁵ e os fictícios Cinísco⁶, Micilo⁷ e o tirano Megapentes⁸. O diálogo começa com o barqueiro do inferno Caronte a espera de Hermes, que se atrasou por causa de uma tentativa de fuga de uma das almas que seria do tirano Megapentes.

¹ Hades Deus do mundo subterrâneo na mitologia grega, conhecido também como Deus do inferno, (Plutão na mitologia Romana). Reino dos mortos, mundo dos mortos.

² Radamanto juiz dos mortos na mitologia grega. Personagem mítico.

³ Cloto uma das três moiras ou parcas da mitologia grega que atuavam em determinar o destino dos homens e deuses. Incumbiam a função de tecer e cortar o fio da vida dos indivíduos. Personagem mítico.

⁴ Caronte o barqueiro do Hades, que transportava sobre rio Aqueronte as almas recém-chegada ao mundo dos mortos.

⁵ Hermes um Deus psicopompo (condutor das almas), mensageiro de Zeus, deus do comércio e negócios. Personagem mítico.

⁶ Cinísco um filósofo cínico. Personagem fictício.

⁷ Micilo um sapateiro. Personagem fictício.

⁸ Megapentes o tirano. Personagem fictício.



Em seguida, Megapentes começa a tentativas de persuadir de todas as maneiras Caronte, Cloto e Hermes para voltar ao mundo terrestre. Suas argumentações iniciais parte para terminar suas obras, depois para ir apenas por um momento e deixar instruções aos herdeiros para continuação de seu governo, e também para instruí-los para a vingança de sua morte. Dentro disto, quando percebe que não será concedido seu pedido de suplicas, Megapentes passa a reportar sua imagem de tirano fazendo então exigência por ser um tirano, dando a entender que estava ordenando e não suplicando.

MEGAPENTES — Oh não, minha Senhora Cloto, mas antes deixa-me ir lá acima por um pouquinho de tempo. Depois eu próprio virei espontaneamente, sem que ninguém me chame [...]MEGAPENTES — Permite-me que primeiro termine o meu palácio, pois a construção ficou semiacabada [...]MEGAPENTES — Suplico-te, ó Moira, não é por muito tempo. Permite-me que fique lá um único dia, o suficiente para indicar uma coisa à minha mulher a respeito dos meus bens, quer dizer, onde tinha enterrado um enorme tesouro. (Luciano.cat 8)

MEGAPENTES — Invoco-vos como testemunhas: A muralha está inacabada, bem como o arsenal. Para que estas obras fiquem prontas, bastar-me-á viver somente mais cinco dias. (Luciano.cat 9)

MEGAPENTES — Por Zeus!... Porque eu era um tirano e tinha dez mil 271 guarda-costas. (Luciano.cat13)

Observamos nesse diálogo algumas agruras do espaço do palácio do tirano Megapentes. É incorporado retóricas como por exemplo os relatos a respeito das obras inacabadas, os bens, os arsenais os monumentos e templos que era direcionado a demonstrar a imponentia do poder e domínio Imperial. E assim, ganhar popularidade e a semelhar a Deuses, demonstrando prosperidade.

Fica evidente também, que o tirano ainda tem arcaico em sua memória a condição de privilégio como possuía na vida terrestre. Luciano, relaciona esses aspectos culturais da antiga Grécia com Roma no intuito de comparar como era construído as múltiplas formas de poder e domínio que tinha um governo hierarquizado. Nesta, fica visível a construção de obter uma imagem popular, sendo um processo de legitimar sua posição e riquezas de sua Hierarquia. O sentido também afirma a necessidade de evidenciar a ordem visual, que é de integrar a simbologia da autoimagem, sendo então, uma propaganda do seu próprio ego,



utilizando a política da autoimagem, que poderia vir a derivar sua continuidade ou durabilidade no domínio do poder.

Outro ponto do diálogo, que ressalta a imagens das agruras do Palácio é a representação dos assassinados e intrigas familiares, de escravos, amigos ou de ordem senatorial para obtenção de cargos, vastas conspirações e bajulações. E também é colocado o denegrir da imagem dos maus governantes como por exemplo a derrubada dos bustos, dos monumentos, estatuas enfim, apagar por total a imagem do governo tirânico. Coisa que acontecia sempre no Império Romano quando havia um Imperador que cometia muitas injustiças em seu governo, um exemplo clássico é Calígula (12-41 d.c).

Ao logo do diálogo, ocorre o julgamento, algumas almas ganham uma sentença sem qualquer punição como no caso de Cinisco (filosofo fictício), e no caso do tirano Megapentes uma grande punição. Megapentes teve como acusador de seus crimes cometidos na vida terrestre por Cinisco, que ao logo da vida testemunhou os crimes bárbaros que Megapentes cometeu. Cinisco era um pobre filósofo que morava próximo do palácio do tirano e sempre viu de perto os crimes e as injustiças cometidas pelo tirano.

CINISCO — Quero sobretudo acusar um certo tirano³⁰¹, pelos crimes que eu sei que ele cometeu durante a vida. O meu testemunho não seria digno de crédito, se previamente eu não revelasse quem eu sou e de que modo vivi. (Luciano.cat 23)

CINISCO — No fundo, nem seriam precisas palavras, pois ficarás imediatamente a saber muito bem que espécie de tipo ele é, a julgar pelos estigmas. No entanto, eu próprio vou revelar-te o homem [que ele é] e, através das minhas palavras, mostrar-to mais claramente. De facto, entendo deixar de lado o que este grandessíssimo tratante fez enquanto cidadão comum. Mas depois de se ligar a tipos extremamente arrogantes, de ter agregado a si uns capangas e de se ter revoltado contra o Estado, proclamou-se tirano e assassinou indiscriminadamente mais de dez mil cidadãos, apoderou-se das fortunas de cada um deles e, tendo chegado ao cúmulo da riqueza, não se coibiu de nenhuma forma de depravação, antes se entregando a todas as crueldades e ultrajes contraos desgraçados dos cidadãos, violando virgens, corrompendo muitos adolescentes e comportando-se como um ébrio com os seus súbditos. Tu [Radamanto,] não serás capaz de fazê-lo pagar proporcionalmente à sua sobranceira, à sua vaidade e à sua altivez para com todos quantos tinham contacto com ele; seria mais fácil olhar fixamente para sol, do que para este tipo. E não só, mas, além disso, quem seria capaz de enumerar a crueldade das punições inventadas por este fulano, que nem os seus familiares mais próximos poupava? Mas para que não se pense que isto [que eu digo] é uma calúnia sem fundamento, depressa o saberás, chamando cá os que foram



assassinados por ele... mas, melhor ainda, estes, como estás vendo, vêm sem serem chamados, rodeiam-no e tentam estrangulá-lo. Todos estes, ó Radamanto, morreram às mãos do meliante, uns vitimados por terem mulheres formosas, outros por se indignarem com o facto de ele lhes raptar os filhos para fins desonrosos, outros porque eram ricos, outros porque eram honestos e virtuosos e não estavam nada satisfeitos com os seus actos. (Luciano.cat 26)

E sobre suas acusações contra o tirano traz o fim do diálogo, e a condenação do tirano foi a punição de jamais esquecer quem foi e da vida boa que teve na terra. Dentro disto, Luciano põem a imagem tirânica que era utilizada no mundo Mediterrâneo tanto Ocidental, quanto oriental. As evidências que se põem e a consolidação das culturas de hegemonias se tornando homogenias. Luciano também, intensifica as interações, disputas e conflitos pelo poder onde era formado um grande palco que ao contrário do glamour havia um circo dos horrores, cheio de exclusões sociais e explorações de grupos étnicos, e sempre projetando conflitos e controle da ordem social e política.

Portanto, observamos que Luciano remonta em seu diálogo as expressões políticas e sociais vivenciadas em seu cotidiano, produzindo em seu contexto o significado da morfologia social instaladas na Hierarquia Romana.

Considerações Finais

Ao concluir este trabalho, denotamos as agruras do espaço dos palácios através da criticidade e as argumentações Luciânicas, onde Luciano de Samósata demonstra a pluralidade cultural vivenciada em seu período. Por fim, fica evidente que seu texto tem o objetivo de ir contra o Império Romano, e assim fazendo apologia a favor dos direitos sociais que eram negados em certos grupos sociais de seu período (séc. II d.c).

Agradecimentos

Agradeço à instituição da UEG por fornecer excelentes profissionais altamente qualificados e disponíveis para ensinar. Agradeço a comissão organizadora da Iniciação Científica. E para todo o corpo docente da Universidade Estadual de Goiás, o Campus Uruaçu por incentivar o corpo

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás

acadêmico a participar de projetos como a iniciação científica. E agradeço ao professor Dr. Edson Arantes Junior por me dar a oportunidade e o privilégio de participar de sua pesquisa.

Referências

ARANTES JUNIOR, Edson. Luciano de Samósata e o Império Romano: dilemas de um escritor na segunda sofística. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH** • São Paulo, julho 2011.

ARANTES JUNIOR, Edson. **Usos políticos da narrativa em Luciano de Samósata: aspectos do regime de memória romano** (séc.II D.C). Goiânia: UFG, 2014 (tese de doutorado).

ARANTES JUNIOR, Edson. **Luciano e a tradição do cômico-sério: de Bakhtin à teoria da pós-Antiguidade**. 2010. p. 133-143.

BRAGA, Dulcileide V. do Nascimento. **Luciano de Samósata e a Filosofia: em busca da sombra do burro**. Principia. 2015. UERJ.

BRANDÃO, Jacynto José Lins. **A poética do Hipocentauro: Literatura, Sociedade e discurso ficcional em Luciano de Samósata**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

GUARINELLO, Noberto Luiz. Império Romano e Identidade grega. In: FUNARI, Pedro Paulo A. & SILVA, Maria Aparecida de Oliveira (orgs.). **Política e identidade no mundo antigo**. São Paulo: Annablume, 2009.p.154

LUCIANO DE SAMÓSATA. **Obras IV**. Tradução do grego, Introdução e Notas Custódio Manguel. 2013

LUCIANO DE SAMÓSATA. **Diálogo dos Mortos**. Versão bilíngue grego/português/ Luciano; tradução, introdução e notas de Henrique G. Murachco. São Paulo: Palas Athena: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.



V Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



SILVA, Maria de Fatima. **Vamos Rir com Luciano**. MATHESIS. 15 2006. p.p 221-239. Universidade de Coimbra.

VEYNE, Paul. **Império Greco-Romano**. Rio de Janeiro: Campus, 2009.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás